

IV

CORRESPONDÊNCIAS

A Natureza é um templo vivo em que os pilares
Deixam filtrar não raro insólitos enredos;
O homem o cruza em meio a um bosque de segredos
Que ali o espreitam com seus olhos familiares.

Como ecos lentos que a distância se matizam
Numa vertiginosa e lúgubre unidade,
Tão vasta quanto a noite e quanto a claridade,
Os sons, as cores e os perfumes se harmonizam.

10 Há aromas frescos como a carne dos infantes,
Doces como o oboé, verdes como a campina,
E outros, já dissolutos, ricos e triunfantes,

Com a fluidez daquilo que jamais termina,
Como o almíscar, o incenso e as resinas do Oriente,
Que a glória exaltam dos sentidos e da mente.



O QUARTO DUPLO

UM QUARTO que parece um devaneio, um quarto verdadeiramente "espiritual", onde a atmosfera estagnada é de leve tingida de róseo e de azul.

Nele a alma toma um banho de preguiça, aromatizado pelo arrependimento e pelo desejo. É algo crepuscular, azulado e tenuemente cor-de-rosa; um sonho de volúpia durante um eclipse.

Os móveis têm formas alongadas, desfalecidas, enlanguescidas. Dão a impressão de estar sonhando; dir-se-iam dotados de uma vida sonambúlica, tal como o vegetal e o mineral. Falam os estofos uma língua muda, como as flores, como os céus, como os poentes.

Nas paredes, nenhuma abominação artística. Relativamente ao sonho puro, à impressão não analisada, a arte definida, a arte positiva é uma blasfêmia. Aqui, há em tudo a suficiente claridade e a deliciosa obscuridade da harmonia.

Um aroma infinitesimal, da mais requintada escolha, ao qual se mistura leve toque de umidade, flutua nesta atmosfera, onde o espírito dormitante é embalado por sensações cálidas de estufa.

Chove copiosamente a musselina diante das janelas e do leito; derrama-se em cascatas nevadas. No leito jaz o Ídolo, a soberana dos sonhos. Mas como veio ter aqui? Quem a trouxe? que mágico poder a instalou neste trono de fantasia e de volúpia? Que importa! Ei-la! Reconheço-a.

São aqueles os olhos cuja flama atravessa o crepúsculo; aqueles sutis e terríveis *mirantes*, que eu reconheço na sua espantosa malícia! Eles atraem, subjugam, devoram o olhar do incauto que os contempla. Estudei-as muitas vezes, a essas estrelas negras que impõem curiosidade e admiração.

A que demônio amigo devo eu o estar assim cercado de mistério, de silêncio, de paz e de perfumes? Ó beatitude! aquilo a que

em geral chamamos a vida, nada tem de comum, mesmo na mais feliz das suas expansões, com esta vida suprema que eu agora conheço e que saboreio minuto a minuto, segundo a segundo!

Não! já não há minutos, já não há segundos! O tempo desapareceu; é a Eternidade que reina, uma eternidade feita de delícias!

Mas um golpe terrível, pesado, ressoou na porta, e, como nos sonhos infernais, pareceu-me receber uma picaretada no estômago.

E depois entrou um Espectro. É um meirinho que me vem torturar em nome da lei; uma infame concubina que vem chorar miséria e acrescentar às dores da minha vida as trivialidades da sua; ou o contínuo de um diretor de jornal que reclama a continuação do manuscrito.

O quarto paradisíaco, o Ídolo, a soberana dos sonhos, a *Silfide*, como dizia o grande René, toda essa magia desapareceu ao golpe brutal vibrado pelo Espectro.

Horror! Bem me lembro! bem me lembro! Sim, esta pocilga, esta morada do eterno tédio, é bem a minha. Eis aqui os móveis estúpidos, poentos, esbeçados; o fogão sem chama e sem brasa, manchado de escarros; as tristes janelas onde a chuva abriu sulcos na poeira; os manuscritos riscados ou incompletos; o calendário onde o lápis assinalou as datas sinistras!

E àquele perfume de outro mundo, de que eu me embriagava com sensibilidade aprimorada — ai! —, sucedeu um fétido cheiro de tabaco, mesclado a um vago e nauseante mofo. Respira-se aqui, agora, o bafio da desolação.

Neste mundo estreito, mas tão cheio de tédio, um único objeto conhecido me sorri: a garrafinha de láudano; velha e terrível amiga; como todas as amigas — ai! —, fecunda em carícias e traições.

Oh, sim! ressurgiu o Tempo; o Tempo agora reina como soberano; e com o horrendo velho retornou todo o seu cortejo demoníaco de Lembranças, de Pesares, de Espasmos, de Terrores, de Angústias, de Pesadelos, de Cóleras e de Neuroses.

Eu vos assevero que os segundos, agora, são forte e solenemente assinalados, e cada um deles, jorrando do pêndulo, diz: — "Eu sou a Vida, a insuportável, a implacável Vida!"

Em toda a vida humana só há um Segundo que tem a missão de anunciar uma boa-nova, a *boa-nova* que a todos causa inexplicável medo.

Sim! reina o Tempo; reassumiu a sua brutal ditadura. E acossa-me, como se eu fosse um boi, com o seu ferrão: — “Upa, burro! Sua, escravo! Vive, condenado!”

O BRINQUEDO DO POBRE

QUERO DAR A IDÉIA de uma distração inocente. Há tão poucos divertimentos que não sejam criminosos!

Quando sairdes, de manhã, com a firme intenção de vagabundear pelas estradas, enchei os bolsos de pequeninas invenções de um soldo — tais como o polichinelo chato movido por um cordão, os ferreiros que batem na bigorna, o cavaleiro e seu cavalo cuja cauda é um apito — e pelas tavernas, ao pé das árvores, apresentei os meninos desconhecidos e pobres que fordes encontrando. Então vereis os seus olhos crescerem, crescerem... A princípio, não ousarão tocar no presente: duvidarão da própria felicidade. Depois, suas mãos agarrarão vivamente o brinquedo e eles fugirão, como fazem os gatos, que, tendo aprendido a desconfiar do homem, vão comer longe de nós o bocado que lhes damos.

Numa estrada, por trás das grades de um vasto jardim, ao fundo do qual surgia a brancura de um lindo castelo batido de sol, via-se uma criança fresca e bela, vestida de uma dessas roupas de campo, tão garridas.

O luxo, a ociosidade e o espetáculo habitual da riqueza tornam esses meninos tão belos que nos parece terem sido feitos de outra massa que não a dos filhos da mediania ou da pobreza.

Ao lado dela, jazia sobre a relva um brinquedo esplêndido, tão novo quanto o seu dono, envernizado, dourado, com um traje cor de púrpura, e coberto de plumas e vidrilhos. O pequeno, porém, não se ocupava com o seu brinco favorito, e eis o que ele observava:

Do outro lado da grade, na estrada, entre os cardos e as urtigas, havia outro menino, sujo, raquítico, tismado, um desses garotos-párias em quem um olho imparcial descobriria a beleza, se, como o olho do entendido adivinha uma pintura ideal sob um verniz de segeiro, o limpasse da repugnante pátina da miséria.

Através daquelas vergas simbólicas, que separavam dois mundos, a estrada real e o castelo, o menino pobre mostrava o seu brinquedo ao menino rico, e este o examinava com avidez, como objeto raro e desconhecido. Ora, esse brinquedo, que o pequeno porcalhão atraía com afagos, agitava e sacudia, numa espécie de gaiola, era um rato vivo! Os pais, decerto por economia, haviam tirado o brinquedo da própria Vida.

E as duas crianças riam uma para a outra, fraternalmente, com dentes de uma brancura igual.

O MAU VIDRACEIRO

HÁ NATUREZAS meramente contemplativas e de todo inaptas para a ação, mas que, sob um impulso misterioso e desconhecido, agem por vezes com uma rapidez de que elas mesmas se julgariam incapazes.

Este que, temendo receber do porteiro uma notícia aflitiva, ronda medroso uma hora em torno da porta sem se decidir a entrar, este outro que durante quinze dias guarda uma carta sem abri-la, ou só ao fim de seis meses se delibera a tomar uma providência necessária desde um ano atrás, sentem-se, em dados instantes, impelidos para a ação por uma força irresistível, como a flecha de um arco. O moralista e o médico, que tudo pretendem saber, não podem explicar donde vem tão de repente uma tão louca energia a essas almas preguiçosas e voluptuosas, e como, incapazes de realizar as coisas mais simples e mais necessárias, encontram elas em certo momento uma esplêndida coragem para executar os atos mais absurdos e, não raro, até os mais arriscados.

Um de meus amigos, o mais inofensivo sonhador que porventura já existiu, certa vez ateou fogo a uma floresta para ver, dizia ele, se o fogo pegava com tanta facilidade como se costuma afirmar. Dez vezes seguidas a experiência falhou; mas na undécima o resultado excedeu a expectativa.

Outro acenderá um charuto perto de um barril de pólvora, *para ver, para saber, para tentar a sorte*, para se obrigar a si mesmo a dar prova de energia, para fazer de jogador, para conhecer os prazeres da ansiedade, para coisa nenhuma, por capricho, por falta de ocupação.

É uma espécie de energia que brota do devaneio e do tédio; e aqueles em quem ela se manifesta de maneira tão violenta são, em geral, como já o disse, os mais indolentes e os mais sonhadores entre os seres.

Outro, tímido a ponto de baixar os olhos até ante os olhares dos homens, a ponto de lhe ser preciso enfeixar todas as parcelas de sua pobre vontade para entrar num café ou passar em frente à portaria dum teatro, onde os porteiros lhe parecem investidos na majestade de Minos, de Éaco ou de Radamanto, saltará de relance ao pescoço de um velho que caminha a seu lado e o beijará com entusiasmo perante a multidão atônita.

Por quê? Porque... porque essa fisionomia lhe era irresistivelmente simpática? Talvez; contudo, é mais lícito supor que ele mesmo não sabe por quê.

Mais de uma vez fui vítima destas crises e destes impulsos, que nos autorizam a crer que malignos Demônios se infiltram em nós e nos induzem a realizar, à nossa revelia, os seus mais absurdos caprichos.

Certa manhã, levantara-me irritado, triste, fatigado de inércia, e impelido, parecia-me, a fazer algo grandioso, uma ação brilhante; e abri a janela — ai de mim!

(Observem, por favor: o espírito de mistificação, que, nalguns seres, não resulta de trabalho ou de cálculo, mas de uma inspiração eventual, participa muito, ao menos pelo ardor do desejo, desse humor — histérico segundo os médicos, satânico segundo os que pensam um pouco melhor que os médicos — que nos arrasta sem resistência a inúmeras ações perigosas ou inconvenientes.)

A primeira pessoa que avistei na rua foi um vidracciro, cujo grito dilacerante, dissonante, subiu até mim através da pesada e suja atmosfera parisiense. Ser-me-ia impossível dizer por quê — senti-me possuído, em relação àquele homem, de um ódio súbito e despótico.

— Olá! olá!

Gritei-lhe que subisse. Entretanto refletia, não sem algum prazer, que, ficando o quarto no sexto andar e sendo a escada muito estreita, ele teria de sentir alguma dificuldade em realizar a ascensão, e não poderia defender de numerosos encontrões a sua frágil mercadoria.

Apareceu, afinal; examinei-lhe, curioso, todas as vidraças, e disse-lhe:

— Como? Não tem vidros de cor? vidros róseos, vermelhos, azuis, vidros mágicos, vidros paradisíacos? Descarado! ousa andar em bairros pobres, e não tem, sequer, vidros que façam ver o lado belo da vida!

E empurrei-o energicamente para a escada, onde ele tropeçou, a resmungar.

Aproximei-me do balcão, agarrei um pequeno jarro de flores e, quando o homem reapareceu na soleira, deixei cair perpendicularmente a minha máquina de guerra sobre o rebordo posterior da sua carga; e, como o choque o derrubasse de costas, ele acabou de espedaçar sob o dorso toda a sua pobre fortuna ambulatória, que produziu o fragor de um palácio de cristal fendido pelo raio.

E, ébrio da minha loucura, gritei-lhe furioso:

— O lado belo da vida! o lado belo da vida!

Esses gracejos nervosos não deixam de ter o seu perigo, e podem muitas vezes custar caro. Que importa, porém, a danação eterna a quem encontrou num segundo o infinito do prazer?

AS MULTIDÕES

NEM A TODOS é dado tomar um banho de multidão: gozar da multidão é uma arte; e só pode fazer, à custa do gênero humano, uma farta refeição de vitalidade, aquele em quem uma fada insuflou, no berço, o gosto do disfarce e da máscara, o horror ao domicílio e a paixão da viagem.

Multidão, solidão: termos iguais e conversíveis para o poeta diligente e fecundo. Quem não sabe povoar a sua solidão também não sabe estar só em meio a uma multidão atarefada.

O poeta goza do incomparável privilégio de ser, à sua vontade, ele mesmo e outrem. Como as almas errantes que procuram corpo, ele entra, quando lhe apraz, na personalidade de cada um. Para ele, e só para ele, tudo está vago; e, se alguns lugares parecem vedados ao poeta, é que a seus olhos tais lugares não valem a pena de uma visita.

O passeador solitário e pensativo encontra singular embriaguez nessa comunhão universal. Aquele que desposa facilmente a multidão conhece gozos febris, de que estarão privados para sempre o egoísta, fechado como um cofre, e o preguiçoso, encaramujado feito um molusco. Ele adota como suas todas as profissões, todas as alegrias e todas as misérias que as circunstâncias lhe deparam.

Aquilo a que os homens chamam amor é muito pequeno, muito limitado e muito frágil, comparado a essa inefável orgia, a esta sagrada prostituição da alma que se dá inteira, poesia e caridade, ao imprevisto que surge, ao desconhecido que passa.

É bom alguma vez lembrar aos felizes deste mundo, ao menos para lhes humilhar por um instante o orgulho tolo, que há felicidades superiores à deles, mais vastas e mais requintadas. Os fundadores de colônias, os pastores de povos, os padres missionários exilados no fim do mundo, conhecem, por certo, algo dessas misteriosas embriaguezes; e, no seio da vasta família que seu gênio criou, devem eles por vezes rir daqueles que lhes deploram o destino tão agitado e a vida tão casta.

EMBRIAGAI-VOS

É NECESSÁRIO estar sempre bêbedo. Tudo se reduz a isso; eis o único problema. Para não sentirdes o fardo horrível do Tempo, que vos abate e vos faz pender para a terra, é preciso que vos embriagueis sem cessar.

Mas — de quê? De vinho, de poesia ou de virtude, como achardes melhor. Contanto que vos embriagueis.

E, se algumas vezes, nos degraus de um palácio, na verde relva de um fosso, na desolada solidão do vosso quarto, despertardes, com a embriaguez já atenuada ou desaparecida, perguntai ao vento, à vaga, à estrela, ao pássaro, ao relógio, a tudo o que foge, a tudo o que geme, a tudo o que rola, a tudo o que canta, a tudo o que fala, perguntai-lhes que horas são; e o vento, e a vaga, e a estrela, e o pássaro, e o relógio, não de vos responder:

— É a hora da embriaguez! Para não serdes os martirizados escravos do Tempo, embriagai-vos; embriagai-vos sem tréguas! De vinho, de poesia ou de virtude, como achardes melhor.